Conclusão

A carta de Gálatas é de valiosa contribuição para o entendimento das comunidades pré-cristãs antigas no contexto mediterrânico. Além disso, provê valiosas informações e evidências do contexto cultural e social que Paulo vivia. Um ambiente marcado pela constante competição e conflito, um mundo habitado por humanos e demônios com poderes extraordinários que desempenhou papel regular e ameaçador nos assuntos humanos; um mundo em que as forças misteriosas da magia, bruxaria e mau-olhado estavam em curso em todos os lugares e épocas.

As acusações e contra-acusações de prática do mau-olhado, em Gálatas, desempenharam papéis decisivos no curso dos acontecimentos. Papel tão decisivo que a sonegação desse ambiente mágico para a interpretação da carta como um todo, torna-se parcial. Essa afirmação tem sustentação se levado em conta o ambiente cultural em que a carta teve sua gênese.

Paulo e os gálatas eram habitantes do mesmo mundo, partilhavam das experiências culturais comuns, com constantes interações com demais povos e sistemas de crenças. Um dos melhores meios de definir essa sociedade na qual viviam é a partir da observação dos antropólogos sobre aspectos marcantes da cosmologia de culturas como a mediterrânica antiga.

Descrita como uma sociedade de bruxaria (termo antropológico) pelos argumentos e evidências levantadas por Neyrey (1988, *passim*) e posterior classificação dessa categoria em termos das ciências sociais no que diz respeito ao ambiente dos gálatas. Em sociedades como essas os homens se vêem como objeto de poderes de demônios e forças maliciosas que espreitam por toda parte e, às vezes, agem por meio de outras pessoas.

Assim, a crença em bruxaria, feitiços e mau-olhado, desempenhou um papel preponderante no comportamento e interação social dessas comunidades. Os antropólogos¹⁸³ têm observado que em culturas onde predomina a crença no mau-olhado, a competição e o conflito são constantes, e os meios formais de emitir

¹⁸³ Para uma coletânea de artigos sobre o tema do mau-olhado em uma perspectiva transcultural, ver MALONEY, 1976.

juízos de valor ou autoridade, são desempenhados pelas acusações e contra-acusações de portabilidade do mau-olhado a fim de marcar as fronteiras sociais, manutenção do *status quo* e o controle sobre comportamentos desviantes.

No interior dessas comunidades, pautadas pela proximidade geográfica, honra e vergonha, relações de patronagem, lealdades mútuas, um estranho é, de imediato suspeito em sua aproximação. Nesse sentido, acusações de mau-olhado são meios para desacreditar ou desabilitar a autoridade de quem é estrangeiro, suspeito ou reivindicador de autoridade.

Rotular algum adversário como possuidor de mau-olhado é um meio informal, mas efetivo mecanismo social de desnortear ou desacreditar a honra e credibilidade de uma pessoa, censurando seu comportamento e levando-o ao ostracismo como a um desviante social. No contexto de Gálatas, o verso 1 do capítulo terceiro sugere que Paulo teria iniciado esse ataque contra os demais da Galácia.

Porém, analisado cuidadosamente o texto, dois elementos indicam que o apóstolo fora primeiro acusado para então, contra-acusar. A primeira delas é a condição física de Paulo quando do primeiro encontro entre eles (cf. Gl 4,12-15), Paulo admite sua condição física adoentada (ἄσθένεια τῆς σαρκός) que seria uma pista para eles (Gl 4,13-14). Essa parece ser a mesma referência que faz em 2Cor 12,7 para seu “espinho na carne”.

A segunda diz respeito ao fim da carta aos Gálatas, quando toma a escrita do texto e diz carregar as marcas de Jesus em seu corpo. Essas duas evidências, segundo ELLIOTT, 2008, p.229, apontam para a incontestável prova de que a acusação feita a Paulo de portar o mau-olhado teria a ver com sua condição física.

O fundamento para legitimar esses dois argumentos está na ampla documentação a respeito do tema (antiga e moderna, analisada nos capítulos precedentes) que elenca as características principais para se identificar um portador do mau-olhado. Entre eles o típico físico não usual, aparência desfigurada, como corcundas, por exemplo, problemas oculares (cegueira ou sobranceiras juntas) e demais características listadas no capítulo terceiro deste texto.

Todas essas características parecem ter sido mencionadas por Paulo em Gl 4, 14-15, mas ele sublinha que, mesmo diante disso, e naquele momento, ninguém

cuspiu em sua presença, outro elemento associado à crença no mau-olhado que confere proteção contra o feiticeiro. Juntamente a isso há o relato da cegueira de Paulo em At 9,1-19 e, também, um registro no texto de *Atos de Paulo e Thécla*: “um homem de baixa estatura com cabeça careca e pernas tortas, em um corpo em bom estado, com sobrancelhas juntas e um nariz, de alguma forma, torto.” (Atos de Paulo e Thecla, 3,3. *Apud* ELLIOTT, 2008, p.230).

No contexto da carta Paulo se defende de duas formas contra a acusação: provando seu amor paternal para com os gálatas e acusando-os de serem os verdadeiros feiticeiros. Segundo Paulo (Gl 4,12-15 e 6,17) ele lembra de como o encontro entre ele e seus destinatários havia sido agradável, bem como o amor que por eles sentia, permanecia inalterado (Gl 4,19). Ainda, as marcas que ele carrega em seu corpo são, de fato, segundo ele, provas de que é um servo e discípulo de Jesus.

Contra os influenciadores de seus destinatários, Paulo os acusa: (a) tirar vantagem da condição de crianças na fé dos gálatas (Gl 3,23-4,6); (b) inveja pela condição livre dos crentes em Jesus e por quererem retirá-los do grupo de justos (4,17 e 6,12-13); (c) causadores de feitiçaria e dissensão na comunidade (5,19-21.26); (d) invejosos quanto ao evangelho de amor e liberdade pregado por Paulo (5,1-6,16); (e) os influenciadores que se preocupavam com características corpóreas (5,2-3.6.11; 6,12-13); (f) servos da carne a despeito de crianças no Espírito (5,1-6,10); e, por fim, (g) o evangelho que pregam que é amaldiçoado (1,6-9 e 3,10).

Assim, a perícopes de 3,1-5 revela aspectos centrais do conflito entre os gálatas. Onde Paulo e seus interlocutores disputam autoridade em pé de igualdade. A disputa não acontece em termos de Torá *versus* Cristo, mas em termos de quem, de fato, pode fazer parte da comunidade dos justos, do Israel de Deus, após o evento morte/ressurreição de Jesus. Não se trata de um conflito entre judaísmo *versus* cristianismo, mas de uma tentativa, a partir da mensagem de Cristo, por parte de Paulo, de ampliar e incluir os gentios dentro do Judaísmo sem qualquer rito prosélito. Era Jesus que os fazia iguais.

A observação desse contexto mais amplo, ou seja, considerando o papel fundamental que o vocabulário mágico desempenhou no conflito, enquanto realidade sócio-cultural, possibilita a percepção das estratégias de argumentação

de ambas as partes na carta. Mais além, a familiaridade com esse aspecto de prática e crença na feitiçaria coloca o intérprete da carta mais próximo do ambiente mágico que as comunidade bíblicas partilharam, seus horizontes conceituais e os modelos culturais com os quais essas camadas populares pensavam e agiam.

Ansiedade frente a era má (Gl 1,4), escravização a elementos espirituais do universo (4,3), magia (5,20), recurso a maldições (1,8-9 e 3,10) e acusações de mau-olhado eram características cotidianas e vivas dessas sociedades de bruxaria que permeavam o imaginário popular das comunidades e, por conseqüência, fizeram parte real e concreta das comunidades bíblicas.

Essas sociedades chocam o leitor atual da Bíblia, pois este passou pelo Iluminismo, não de forma ileso, e foi treinado a ler as sociedades antigas sem a presença da magia ou, quando presentes, como sociedades primitivas e pouco avançadas em seu espírito humano. Aliado a isso, os tradutores e exegetas bíblicos, impactados que foram pela modernidade obscureceram essa evidência dos leitores modernos.

A contribuição, portanto, que esse trabalho se esforçou para atingir, foram duas, a saber, a primeira como um ponto de partida metodológico em que se analisa os textos bíblicos, bem como sociedades antigas por um viés transdisciplinar, ou seja, preocupado em perceber as características históricas, sociais, culturais, teológicas, mágicas, religiosas e demais áreas do saber rumo a uma leitura cada vez mais aproximada dos contextos originários que são objeto de estudo.

Por fim, o contexto da crença e prática do mau-olhado em Gálatas, bem como inúmeros outros documentos, deve servir como um importante lembrete para exegetas e teólogos, majoritariamente preocupados com sublimes conceitos teológicos e argumentos doutrinários, em manter pelo menos um “bom-olhado” para a cultura popular (sim, ela não é primitiva!) que serviram de suporte para os escritores bíblicos formularem respostas contextuais de fé e, a partir delas. Bem como, compreender em que ambiente essas camadas populares pensavam, agiam e se comunicavam.